

COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

GRUPOS INTERATIVOS

ESCOLA

No. 1 - OUTUBRO 2011 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

N.º1 • OUTUBRO 2011

Grupos interativos

N.º2 • NOVEMBRO 2011

Leitura dialógica

N.º3 • DEZEMBRO 2011

Participação e Formação de Familiares

N.º4 • JANEIRO 2012

Tertúlias dialógicas

N.º5 • FEVEREIRO 2012

Prevenção da violência de gênero

N.º6 • MARÇO 2012

Convivência

N.º7 • ABRIL 2012

Desenvolvimento emocional

N.º8 • MAIO 2012

Transformação do entorno

N.º9 • JUNHO 2012

Educação em valores

OS GRUPOS INTERATIVOS: PARA O ÊXITO DE TODOS E TODAS



Escola Mare de Déu de Montserrat (Terrasa)

SANDRA GIRBÊS PECO/EQUIPE DE COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM CREA-UB

Os olhos de Fátima, uma mãe muçulmana, brilham ao falar sobre como o centro educacional onde seus filhos estudam se converteu no motor de transformação de todo o bairro. Contagia esperança ao contar como mães que nem sequer se sentiam capazes de se comunicar com os professores, ou os vizinhos e vizinhas, hoje participam dentro e fora das salas de aula, aumentando a sua aprendizagem e a dos seus filhos e filhas.

Laia, de 10 anos, vai à mesma escola que os filhos de Fátima. Sorri quando afirma que gosta dos grupos interativos porque lhe ajudam a ter mais amigos e, ainda, como uns explicam a matéria para os outros, nenhum colega fica para trás.

José lembra, com pitadas de nostalgia, o dia em que um colega com necessidades educativas especiais chegou à escola. O professor, que até então não tinha nenhum apoio, nem dentro nem fora da

sala, fez com que José, estudante brilhante, bastante inquieto e falador, se sentasse com o colega novo. Segundo José, o fato de que, todos os dias, ele tivesse que se esforçar para que seu colega entendesse o que ele já havia entendido, foi a chave para que aquele aluno finalizasse uma carreira universitária, e para que ele terminasse dando conferências em Harvard.

Estes três exemplos ilustram as potencialidades da Aprendizagem Dialógica (Flecha, 1997), a concepção comunicativa da aprendizagem que entende que as pessoas aprendem a partir das interações com outras pessoas. A Aprendizagem Dialógica é a base a partir da qual se levam a cabo as Atuações Educativas de Êxito, como os Grupos Interativos. Estas atuações são colocadas em prática nas Comunidades de Aprendizagem, centros de Educação Infantil, Fundamental e Médio, a maioria público e alguns privados subsidiados pelo Estado que, independentemente de seu contexto socioeconômico, apostam no êxito educativo para todos e todas.

APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA SOLIDARIEDADE

Os Grupos Interativos são uma forma de organização da sala de aula em que os alunos e alunas são agrupados de forma heterogênea quanto ao nível de aprendizagem, gênero, cultura, etc. e cada grupo realiza uma atividade concreta ajudado por uma pessoa adulta voluntária: estudantes da universidade, aposentados, donas de casa, familiares... Qualquer um que tenha vontade de participar encontra as portas abertas. O papel do docente continua sendo fundamental: dinamizar o trabalho de cada grupo e de cada voluntário. O tempo da classe é dividido segundo o número de grupos que se formaram, por exemplo, em quatro partes de 20 minutos, e são propostas quatro atividades que cada grupo realizará. Ou seja, a cada 20 minutos as crianças vão mudar de mesa, de pessoa voluntária e de atividade. Quem tutora cada grupo se encarrega de que todas as crianças realizem a atividade ajudando-se mutuamente, o que favorece o aumento e o enriquecimento das suas interações. Dessa maneira, mediante um diálogo igualitário, ocorre uma aceleração do processo de aprendizagem e a construção de um contexto de solidariedade que melhora a convivência.

A pesquisa com mais recursos e de maior nível científico sobre educação escolar na Europa, INCLUD-ED, o único “Proyecto Integrado de los Programas Marco de Investigación Europea” sobre o assunto, demonstrou que os Grupos Interativos são a forma de organização da sala de aula que têm mais êxito (www.ub.edu/includ-ed/). A sala é transformada em um espaço onde a solidariedade das interações, tanto entre os estudantes como entre eles e os voluntários, permite que se travem diálogos profundos e críticos, e ainda que se acelerem as aprendizagens.

Os grupos interativos têm como objetivo desenvolver as operações cognitivas elementares, tais como a memória ou a atenção; aprender as regras práticas para a execução de tarefas; elaborar e utilizar mecanismos de raciocínio para a solução de problemas; desenvolver processos de aprendizagem dialógica e introduzir na sala de aula todas as interações que sejam necessárias para que os alunos e alunas aprendam o necessário para enfrentar a atual sociedade da informação.

Mesmo sabendo quais são as recomendações da comunidade científica internacional, atualmente são realizadas práticas

educativas que continuam apostando na segregação dos alunos através do agrupamento por níveis, ou de reforços fora da sala de aula em horário letivo para as alunas e alunos mais atrasados.

Autores como Vygotsky (1979) afirmam que “a aprendizagem ativa uma série de processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar só quando a criança está interagindo com pessoas do seu meio e em cooperação com seus colegas” (p.89). Bruner (1996) assinala a necessidade de organizar as salas de aula em sub-comunidades de aprendizagem mútuas e Wells (1999) continua nessa linha propondo a estruturação das salas em comunidades de indagação dialógica. Ou seja, os três autores apostam na ajuda mútua entre os estudantes para resolver problemas conjuntamente através do diálogo.

A aprendizagem depende de todas as interações, por isso, para melhorar a educação das crianças, teremos que transformar e multiplicar estas interações. A participação do voluntariado nos Grupos Interativos permite que isso aconteça. Estes colaboradores e colaboradoras são pessoas com diferentes níveis educacionais e experiências que oferecem uma maior variedade de contribuições do que ofereceria uma única pessoa adulta na sala. Quanto mais variado for o grupo de voluntários, mais experiências serão compartilhadas na sala de aula, e mais ricas serão as interações. Portanto, a colaboração de familiares e membros da comunidade no processo permite maior variedade de estilos de ensino e aprendizagem através de uma ampla variedade de relações.

Elboj e outros (2002) afirmam que a “categorização dos alunos e a separação entre os considerados capazes dos menos aptos produzem, desde o princípio, uma situação de desigualdade educacional que reproduz as desigualdades sociais existentes entre grupos sociais” (p.94). A partir do referencial dos Grupos Interativos, parte-se da ideia de que todas as crianças têm direito, não somente ao acesso à educação, mas também a uma educação de qualidade. Todas as crianças têm capacidades que precisam ser fomentadas, buscando as melhores interações para que se desenvolvam, processo que requer altas expectativas para com relação a todos os alunos. Além disso, a heterogeneidade não somente é considerada um valor positivo, mas também necessário para aumentar os níveis de aprendizagem. A ajuda entre iguais faz com que aquele aluno que ficaria para trás,

se aprendesse de modo individual, consiga realizar todas as atividades. Este processo, por sua vez, incrementa a aprendizagem do aluno mais avançado, já que, através da explicação para seus colegas, se aprofunda nas aprendizagens adquiridas e atribui maior sentido e significado à matéria.

Em uma sessão de Grupos Interativos são materializados os sete princípios da Aprendizagem Dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças.

Através do trabalho coletivo de estudantes, professores e voluntários, consegue-se, ao mesmo tempo, a aceleração da aprendizagem e o desenvolvimento de aspectos fundamentais como a solidariedade, a autoestima, a capacidade de iniciativa, o trabalho em equipe ou as habilidades comunicativas. As dinâmicas geradas no grupo asseguram que as crianças se responsabilizem pela própria aprendizagem e também pela de seus colegas, e assim sentem-se apoiadas e valorizadas, tanto por seus iguais como pelos voluntários que participam das sessões. Por outro lado, as pessoas adultas voluntárias aumentam seu envolvimento no processo educacional das crianças, tanto dentro como fora da sala de aula, incrementando sua autoestima, já que também se sentem valorizadas. Enfim, a educação adquire maior sentido para toda a comunidade e desempenha um papel chave para a melhora da convivência. Dessa forma, a solidariedade é vivida no dia a dia e é conjugada com a aprendizagem instrumental sem ter que excluir nenhuma destas duas dimensões, a partir da prática, como resultado da aposta de todas as pessoas envolvidas em que cada criança desenvolva ao máximo suas capacidades.

BIBLIOGRAFIA

- » Bruner, J. (1996). *The culture of education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- » Elboj, C; Puigdemívol, I; Soler, M; Valls, R. 2002. *Comunidades de aprendizaje. Transformar la educación*. Barcelona: Graó.
- » Flecha, R. (1997) *Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós.
- » Vygotsky, L.S. 1979. *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica (p.o.1934).
- » Wells, G. (1999). *Dialogic inquiry: Towards a sociocultural practice and theory of education*. New York: Cambridge University Press.

ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO

JOSÉ LUIS SÁNCHEZ GÓMEZ/DIRETOR DO IES GREGORIO SALVADOR (CÚLLAR, GRANADA)

Maria costuma levantar-se às 7:00 da manhã. Ela tem 55 anos e coragem para trabalhar em condições pouco favoráveis. Limpa o chão nas casas em que é solicitada. Este trabalho lhe permite sustentar suas duas filhas. Ela não teve oportunidade de estudar e abandonou o sistema educacional muito cedo. Quando escutou a proposta do instituto onde suas filhas estão matriculadas para participar como voluntária nas atividades do centro educacional, não duvidou. Era uma oportunidade de oferecer seu tempo para melhorar a educação dos adolescentes.

Maria, há bastante tempo, frequenta regularmente, quando seu trabalho lhe permite, as salas onde professores e professoras dão aulas de Matemática, Gramática, Inglês, Biologia, Física ou Tecnologia. Para Maria, tanto faz a especialidade: sabe que sua presença permite, juntamente com outras pessoas, realizar uma prática de êxito.

O nome, obviamente, é fictício. Mas Maria existe. No “IES Gregorio Salvador” muitas mães e pessoas voluntárias não duvidam de participar da vida acadêmica do instituto. Simplesmente para conseguir um objetivo comum: melhorar os rendimentos acadêmicos dos alunos e alunas que cursam a ESO.

No centro educacional sabemos que existem muitas “Marias”, pessoas que oferecem seu tempo para melhorar a educação dos alunos.

O aspecto revolucionário não reside na existência de pessoas como ela. A grande mudança ocorre, realmente, na transformação que alguns institutos e colégios fazem para permitir que mulheres e homens, distantes do sistema educacional, possam oferecer seus serviços e melhorar a qualidade da educação. É o novo paradigma dos centros educacionais que trabalham para transformar seu entorno. E, Maria, mesmo com sua escassa formação, sabe disso. Sua presença na sala de aula, juntamente com outras muitas pessoas, docentes e voluntariado diverso, permite atender à diversidade de meninos e meninas, muitos desmotivados, que dialogam, discutem e falam sobre educação.

O primeiro dia em que Alberto chegou ao instituto e ouviu falar em “grupos interativos”, pensou que se tratava de “mais uma moda” importada

de não se sabe onde. Alberto está há muitos anos trabalhando no Ensino Médio. Com esperança, mas sem rumo. Ninguém lhe havia explicado ao menos as possibilidades de outros tipos de escola. Sua metodologia de sala de aula lhe dava segurança e ele não estava disposto a mudar de estratégia depois de tantos anos de docência. A presença de Maria foi um autêntico detonador da mudança. Jamais ele haveria imaginado compartilhar sua sala de aula com outros profissionais e pessoas alheias ao mundo educacional. Ainda que sua primeira reação tenha sido evitar essa prática, ele logo participou como voluntário em um grupo interativo. Bastou uma sessão para captar a essência do que acontecia ali: um diálogo entre diferentes pessoas da região (docentes, pessoal da administração e serviços, mães, familiares e voluntários). Por que continuar com o mesmo tipo de trabalho, dando as costas para esse potencial? A pergunta começou a rondar a cabeça de Alberto.

Comunidades de Aprendizagem rompe com estas tendências e sublinha a necessidade de compartilhamento, de ajuda mútua entre todos e todas como a via lógica para potencializar e amplificar o ensino. Portas abertas das salas de aula com pessoas que querem interagir. É uma experiência muito gratificante ver grupos cheios de mães, de voluntariado, com participação de outro grupo de professores ou de pessoal não docente que não tem nada a ver com nossa disciplina. Como é fácil vencer os preconceitos quando observamos e apreciamos as melhorias acadêmicas e de convivência, quando escutamos vozes que não têm porquê emanar do professor ou professora titular. Quando mães e pessoas

não “acadêmicas” (que alívio!) falam, dialogam e expõem seus critérios. Por que nos custa tanto vencer nossos fantasmas? Quem os alimenta? Alberto logo começou a levar a cabo os grupos interativos. Como Alberto (outro nome fictício), mais de 85% do novo grupo de professores que foi incorporado ao Instituto assume esta filosofia de trabalho. Já são mais de 300 grupos interativos e em nenhum deles houve qualquer conduta contrária às normas de convivência nos quatro anos de implantação. O corpo de professores constata como o clima de convivência, de naturalidade, e de trabalho, flui em um ambiente descontraido no qual os alunos costumam trabalhar praticamente o dobro do habitual. A primeira impressão ao entrar em uma sala interativa é de certo desassossego. Demasiados alunos e alunas falando, com um ruído de fundo um pouco inquietante, acostumados os docentes ao silêncio de nossas aulas magistrais, por sorte cada vez mais em desuso. Uma observação mais detalhada nos faz compreender que esse “ruído” é apenas um diálogo entre os alunos, canalizado em cada grupo pelo voluntário do período que vai dinamizando a troca de informação. Todos os meninos estão envolvidos no processo, de modo que ninguém fica excluído ou renegado, trabalhando alguma ficha de adaptação como costuma acontecer nas salas de aula normais. Cada um no seu nível, os alunos contribuem com seus conhecimentos, escutam os demais, ou explicam aquelas perguntas que dominam, em um nível que seus próprios companheiros entendem melhor do que aquele transmitido por nós, às vezes excessivamente academicista.



Agência Andaluza de Avaliação Educativa
CONSELERIA DE EDUCACIÓN

PROVAS DE AVALIAÇÃO DE DIAGNÓSTICO: INFORME DO CENTRO

CENTRO: 18700529 I.E.S. Gregorio Salvador - Cúllar (Granada)
ETAPA: E.S.O.

CURSO	COMPETÊNCIA	PONTUAÇÃO	VALOR ESTIMADO SEGUNDO ISC	VALOR AGREGADO (De -197,99 a 196,55)	EQUIDADE	DISPERSÃO (De 0 a 42,34)
2006 / 2007	COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA	502,72	-	-	-	-
	RACIOCÍNIO MATEMÁTICO	475,59	-	-	-	-
2008 / 2009	COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA	558,94	-	-	-	-
	RACIOCÍNIO MATEMÁTICO	532,64	-	-	-	-
	CONHECIMENTO E INTERAÇÃO NO MUNDO NATURAL E FÍSICO	658,05	-	-	-	-
2009 / 2010	COMUNICAÇÃO LINGÜÍSTICA	539,70	497,39	42,31 ()	19,51	17,23
	RACIOCÍNIO MATEMÁTICO	529,12	496,88	32,24 ()	54,95	19,67
	CONHECIMENTO E INTERAÇÃO NO MUNDO NATURAL E FÍSICO	534,07	497,08	36,99 ()	33,61	15,50

Índice Socioeconômico e Cultural (ano letivo 2009-2010): -0,29 [De -2,72 a 1,57]



TRECHOS EXPLICATIVOS DOS VALORES DO INFORME

ISC	Valor agregado	Equidade	Dispersão
Maior de 0,20 Alto De -0,29 até 0,20 De -0,62 até -0,21 Mediano-Alto Menor de -0,62 Baixo	(↑) Agrega valor (±) Não é significativo (↓) Não agrega valor	Menor de 17 De 17 até 32,48 Mediano-Alto De 32,60 até 47 Mediano-Baixo Maior de 47 Baixo	Menor de 112 Baixa De 12 até 14,99 Mediano-Baixa De 16 até 18 Mediano-Alta Maior de 18 Alta

Índice socioeconômico e cultural do centro educacional calculado a partir dos Questionários de Contexto.

Diferença entre a pontuação obtida e o valor estimado (o que seria mais provável em função do ISC do centro educacional).

Maior ou menor grau de influência do ISC nos resultados dos alunos (quanto menor valor, melhor equidade tem o centro educacional).

Maior ou menor diferença entre os resultados dos alunos do centro educacional (o ideal é um valor pequeno unido a um bom resultado).

Gráfico 1

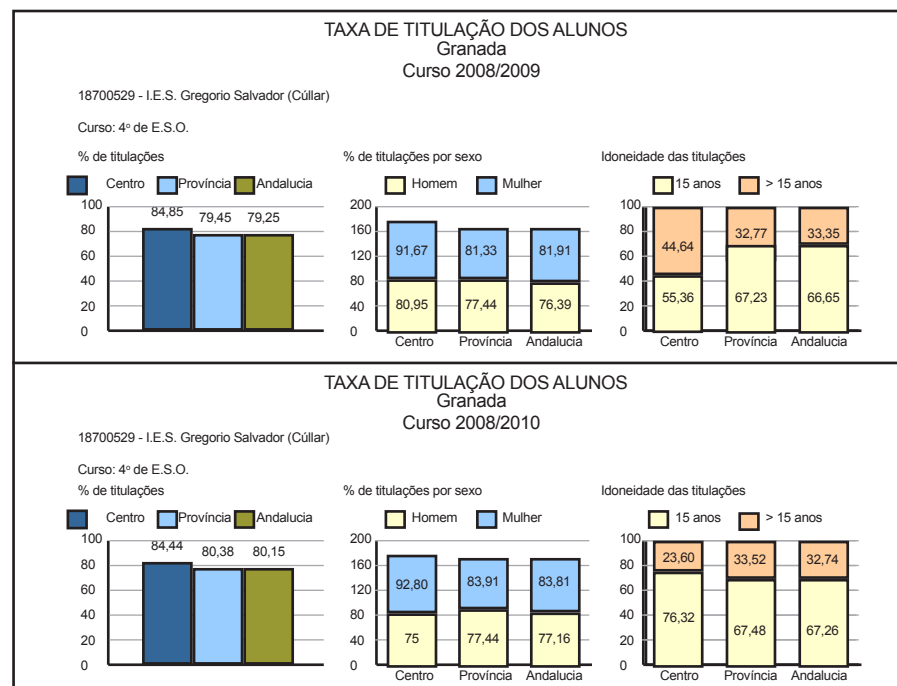
Gráfico 2.1 e 2.2

POR QUE É ESPECIAL ESTA ATUAÇÃO?

A comunidade científica, em nível internacional, dá o aval para esta linha de trabalho como ferramenta para melhorar os rendimentos acadêmicos, sustentando os conhecimentos. Os alunos do centro educacional nos pedem mais grupos interativos; eles gostam (e não vamos esquecer que estamos trabalhando em dobro), uma vez que os grupos significam uma hora de aula diferente das outras, na qual entram em sua sala muito mais pessoas, gerando altas expectativas entre eles mesmos e os voluntários. A rotina de seis horas diárias se beneficia da mudança de estratégia, e da oportunidade de confrontar e dialogar com outras pessoas de sua própria comunidade (melhor ainda se pertencem a outra etnia ou cultura).

O exemplo do nosso “colega” Alberto é real. A categoria docente encontra-se submetida a uma certa pressão: não está bem vista socialmente, seu trabalho, em certas zonas pouco favorecidas, com alunos do Ensino Médio de escolas públicas, é difícil, e eles não sentem um reconhecimento pelo trabalho desempenhado. Poder compartilhar uma hora de docência com outros colegas, com outras mães e familiares, permite retroalimentar o trabalho realizado, refletido no rosto dessas outras pessoas convidadas para a sala de aula. Mais de um grupo interativo, sobretudo quando são de iniciação, culminam em aplausos dos alunos, como gratidão pelo trabalho realizado pelo voluntariado. É um momento emocionante que faz recuperar a esperança e o ânimo entre os professores e professoras.

As diferentes Secretarias de Educação vem apostando, nos últimos anos, na inclusão dos familiares na vida dos centros educacionais, sobretudo no Ensino Médio. Pode-se imaginar uma forma mais completa de abordar a inclusão dos familiares? A sala de aula é a autêntica “cozinha” dos centros educacionais, o lugar sagrado onde professores e professoras levam a cabo seu ritual. A simples ideia de imaginar este espaço compartilhado pelas próprias mães, ou familiares, com colaboração estreita e real dos docentes, com a ideia de potencializar os rendimentos acadêmicos, nos parece o modelo ideal de relação escola-casa. E o mais interessante é que se trata de uma prática factível nos institutos; é necessário, para isso, vencer a porta de acesso à sala dos professores e convencê-los do êxito dessas iniciativas.



As aulas de tutoria permitem trabalhar valores e habilidades sociais, mas sempre a partir de uma perspectiva teórica. Os tutores e tutoras exaltam a necessidade de ouvir o colega, de respeitar sua opinião, de dialogar, de formar um consenso nas decisões. Um grupo interativo não promulga estas habilidades; os alunos, diretamente, trabalham assim. Os meninos dialogam, se escutam, respeitam a vez da palavra (pensamos que sempre há um adulto velando, que garante estas condutas), opinam e atingem consensos. Em um grupo interativo, além de trabalhar na área curricular determinada, estamos desenvolvendo muitas competências educativas: competência social e cidadã, aprender a aprender, autonomia e iniciativa pessoal, etc.

Qual é o objetivo dos grupos interativos? Em primeiro lugar, alcançar a excelência acadêmica dos nossos alunos, melhorar os rendimentos acadêmicos e, portanto, diminuir os nefastos dados do fracasso e abandono escolar no Ensino Médio de escolas públicas. Dados recentes, elaborados pela Diretoria de Educação da Andaluzia, refletem valores que nos fazem pensar que estamos em um bom caminho. Não obstante, temos que ter cuidado. A excelência e melhora dos rendimentos necessitam um trabalho continuado que, às vezes, choca com claros instáveis, onde porcentagens significativas de docentes abandonam seu posto a cada dois anos. O novo grupo de professores necessita quase meio ano letivo para assumir essa filosofia, convencer-se de

suas vantagens e começar a sistematizá-la em seus planos de aula. E, obviamente, sempre encontramos profissionais que não estão dispostos a mudar suas estratégias pedagógicas, por mais que estas estejam já obsoletas e defasadas. Não é fácil trabalhar nessas condições.

As provas de diagnóstico (gráfico 1) refletem uma substancial melhora na competência linguística em relação ao ano letivo 2006-2007 (o projeto iniciou-se a partir do ano letivo 2007-2008). Idêntica melhora podemos detectar no raciocínio matemático e na competência do mundo natural e físico.

É evidente a necessidade de seguir trabalhando muito mais na linha inclusiva, dado que mesmo que o Centro reflita certa melhora, os níveis devem ser muito mais elevados.

Os seguintes gráficos (gráficos 2.1 e 2.2) revelam a taxa de titulações durante os anos letivos 2008-2009 e 2009-2010, cifradas em 84,85% e em 84,44% respectivamente, acima da taxa da provincia e da taxa global da Andaluzia. Estes dados revelam uma melhora com respeito às taxas de titulação de anos letivos passados.

No momento, no IES Gregório Salvador, não nos pressionamos. Os rostos de satisfação de “Maria” ou de “Alberto” são o melhor indicativo de que as coisas estão sendo feitas no caminho correto. O clima de convivência, de integração e diálogo entre todos os setores da comunidade educacional fazem de nosso centro uma escola pública que luta para conseguir a excelência.

ESTE ANO VAMOS FAZER GRUPOS?

TERESA VÁZQUEZ CALA/COORDENADORA DE CA/
 PABLO CIDONCHA GALÁN/DIRETOR DO COLÉGIO PAIDEUTERION (CÁCERES)

Depois de seis anos letivos organizando-os, sempre avaliamos fazendo-nos a mesma pergunta: este ano fazemos grupos?

Como centro privado subsidiado pelo Estado e cooperativa de trabalho associado, para nós tem muito sentido buscar a eficácia e a eficiência no nosso projeto educacional. Estamos convencidos de que grupos interativos (GI) é uma atuação educativa de êxito no Colégio Paideuterion. Durante esses 6 anos letivos de implantação do projeto de Comunidades de Aprendizagem (CA), fomos crescendo quanto ao número de voluntários que vêm ao centro educacional, ao número de grupos desenvolvidos, e de professores envolvidos na atividade. No ano letivo de 2005-2006, quando iniciamos o projeto, contávamos com 35 voluntários e sete grupos na Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Atualmente, realizam-se GI do 1º ano da Educação Infantil ao 1º do Ensino Médio, contando com mais de 140 voluntários que colaboram em 31 grupos. É evidente que o número de professores aumentou com os anos, inclusive alguns, que eram resistentes no princípio, foram contagiados e agora dizem: “Que maravilha, como trabalham os alunos, se eu soubesse teria começado antes!” (professora de gramática). Se aumentaram os professores, mesmo cientes de que exige mais trabalho, é outra evidência da vantagem dessa estratégia educacional. Embora seja verdade que existem opiniões sobre o tipo de voluntário que funciona melhor (universitário, familiares, amigos, antigos alunos, etc.), nossa experiência revela que conseguimos melhorar quando é o mais heterogêneo possível. É muito interessante compartilhar a sala de aula com um ex-aluno: “Acredita muitas coisas positivas, principalmente ter mais relacionamentos e aprender com meus antigos colegas”; uma mãe: “Eu tenho ido toda terça-feira às aulas de matemática e, de olhos fechados, eu voltaria sempre. Quem não falava, começou a falar; quem não entendia as coisas, começou a escutar; os engraçadinhos pararam de fazer piadas para respeitar os demais...”; a psicoterapeuta: “Eu estava convencida de que fazia as



coisas bem, mas assim é quatro vezes melhor”; e um estudante universitário: “A experiência fez com que eu gostasse ainda mais da minha carreira”. Estimulando os grupos e incentivando-os a terminar a tarefa no tempo estipulado.

Em algum momento sentimos que não daríamos conta, tal foi a quantidade de voluntários universitários que atenderam à convocação; mas ao organizar o trabalho, percebemos que poderíamos transformar isso em uma fortaleza. Agora poderíamos organizar GI para outras disciplinas além das instrumentais! Desse modo, fizemos com Cidadania, Educação Física, Ciências Naturais, etc. Desde o começo do ano letivo, nossos alunos perguntam: “Quando chegam os voluntários?”. Quando vão ter uma prova escrita, pedem os grupos para rever a matéria.

Algumas turmas, principalmente as de alunos mais velhos, estão tão habituadas que se reúnem à tarde no colégio para estudar para os exames e funcionam sozinhas, sem professor nem voluntários, com a mesma estrutura dos GI.

Chama muito a atenção o fato de que, no Ensino Fundamental I, quando alguém termina a tarefa, não se gaba por ser o primeiro, mas antes pergunta: quem quer ajuda? Dito por uma voluntária: “As crianças trabalham em um ritmo impressionante, tentam não deixar nunca um exercício pela metade e menos ainda permitem que seus colegas não terminem o exercício, mas isso vem deles, sem necessidade de que ninguém lhes diga nada, nem lhes mande ficar em silêncio, nem nada de nada. É incrível”.

Pretendemos viver a solidariedade, mais do que ensinar a teoria, facilitando a troca de papéis. “Eu, antes, era só um nerd, agora meus colegas querem que eu sente no grupo e explique pra eles” (aluno do 8º E.Fund.II).

As interações que se fomentam dentro dos GI se viram refletidas em outros espaços do centro educacional, como os recreios ou as

atividades extracurriculares, e foi quantificada uma diminuição de conflitos dentro e fora da sala de aula. Para nós, é fato que as crianças aprendem mais e durante mais tempo, como evidencia a evolução das notas de Gramática e Matemática no Ensino Fundamental I. Também podemos constatar, pela observação direta, como, em uma hora de GI, trabalha-se mais do que em uma hora tradicional. Sem perceber, trabalhamos o dobro do que em uma hora normal” (alunos de Filosofia do Bachiller). Se buscamos uma escola de qualidade que procure o êxito de todos e todas, então é importante destacar como nossos alunos estão aprendendo mais gramática e mais matemática, mas também aprendem a dialogar, refletindo e respeitando seus interlocutores com a presença de vários adultos, que motivam a partir da linguagem inclusiva, e em colaboração com os professores envolvidos. Esta forma de trabalhar permite aos alunos com dificuldades estarem em um grupo com seus colegas e não serem excluídos. “Alucino quando escuto jovens de 15 anos defenderem sua postura em relação a uma questão conflituosa, respeitando seus colegas” (mãe voluntária no GI, 1º E. Médio). Mas, além do fato de que a aprendizagem é acelerada, a diversidade das pessoas adultas que participam com a gente faz com que nosso capital social seja de qualidade, e isto contribui para gerar mais atividade e de maior qualidade ainda. Servem como exemplo:

» A mãe da Altea (1º E.Fundamental I) que participa como voluntária no 4o. da ESO e é especialista em um assunto, se disponibiliza para participar com o professor em outras atividades.

» A mãe do Pedro (8º E.Fund.II) sente que quer continuar estudos que havia abandonado, os retoma ajudando seu filho.

» Assim, se nos perguntarmos: este ano letivo haverá grupos interativos? Responderemos: claro, não poderia ser de outro modo!

OS GRUPOS INTERATIVOS E A MELHORA DAS COMPETÊNCIAS BÁSICAS

ROSA MARIA MARTÍNEZ/DIRETORA DO COLÉGIO LA PAZ
VANESSA CATALÁN/TUTORA DO 3º ANO DO E. FUNDAMENTAL/COLÉGIO LA PAZ (ALBACETE)

O centro educacional começou a sonhar com a escola que toda comunidade queria no ano letivo 2006-2007. Quando chegamos ao colégio, todos nós éramos docentes novos, e nos perguntávamos como abordar a situação no centro educacional, na qual destacavam-se numerosos problemas de convivência, e uma defasagem curricular generalizada na maioria dos alunos.

Logo começaram a participar os agentes da comunidade (familiares, entidades, voluntariado, etc.) em todos os espaços do centro educacional, inclusive na sala de aula, onde desenvolvemos os grupos interativos. Com essa atuação pretendíamos introduzir na sala de aula todas as interações que fossem necessárias para facilitar a aprendizagem, e a participação de mais pessoas adultas supõe um elemento potencializador.

Depois de uma curta temporada de implantação dos grupos interativos, pudemos perceber que aquilo que tanto havíamos escutado no centro de pesquisa CREA da “Universitat de Barcelona” sobre “acelerar as aprendizagens” seria possível no nosso centro educacional. Os alunos e alunas sabiam os dias em que se faziam os grupos, e notava-se uma motivação especial quando nos diziam: “professora, agora é hora de grupos interativos de matemática”.

Quando eram colocados nos seus grupos, observamos que os alunos e alunas participavam em maior ou menor medida: desde aquele que tem um nível curricular inferior (com ajuda dos seus colegas) até o bagunceiro que, pouco a pouco, ia mudando de atitude até tomar posições mais integradoras na sala.

Ano após ano, fomos acelerando as aprendizagens, não somente nas áreas instrumentais, mas também em outras maté-



rias do currículo. Hoje em dia, é comum entrar em qualquer sala de aula do centro educacional (Infantil, Fundamental ou Médio) e observar como são feitos os grupos interativos na maioria das áreas, contando com as seguintes pessoas adultas:

» Tutor ou especialista, que prepara e coordena a atividade, administrando todos os grupos.

» Três ou quatro adultos (costuma haver três ou quatro grupos de alunos) que são colocados em cada grupo durante o tempo que dura a atividade. Estes adultos costumam ser familiares, outros professores, voluntariado, etc.

Agora, depois de cinco anos letivos de Comunidades de Aprendizagem, os grupos interativos são a “ferramenta” básica da aprendizagem dialógica com a qual estamos conseguindo:

» O desenvolvimento das competências básicas.

» Aumentar a capacidade de concentração e motivação.

» Melhora geral do comportamento da maioria dos alunos.

» Integração dos alunos com necessidades educativas especiais que fazem as mesmas atividades que seus colegas, com mais ajuda da parte dos alunos e do adulto que interage com eles.

» Transformar a visão das famílias sobre seus filhos e sobre si mesmas.

Neste último sentido, uma mãe disse, quando foi convidada para participar dos grupos interativos:

“A primeira vez que me propuseram realizar, na sala de aula, grupos interativos, pensei que talvez não valeria a pena ou não teria conhecimentos suficientes para concretizar a tarefa. No entanto, logo entendi que eu não era a protagonista. Era uma colaboradora e me senti como se fosse a professora”.

Na Avaliação Diagnóstica realizada pela “Consejería de Educación de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha”, os resultados foram positivos, comparando com avaliações anteriores, mostrando uma melhora nos resultados em termos de desenvolvimento de competências. Estamos muito contentes, pois estamos vendo os frutos do trabalho bem feito quando são aplicadas as atuações de êxito, reconhecidas pela comunidade científica internacional. Definitivamente, estamos vendo que o aumento do nível curricular do nosso centro educacional e sua melhora é fruto da implantação nas Comunidades de Aprendizagem destas atuações e, principalmente, dos grupos interativos que favorecem, sem dúvida, o êxito educacional.

GRUPOS INTERATIVOS NO “CEP LEKEITIO”

XABIER ITURBE/ DIRETOR DO “CEP LEKEITIO”. (BIZKAIA)

GRUPOS INTERATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOMOS COMO CRIANÇAS!

QUINTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO

Hoje nos reunimos, pela primeira vez, o grupo de voluntários e voluntárias e as três professoras de crianças de 5 anos. O voluntariado está composto por três mulheres e três homens. Notava-se um pouco de nervosismo, mas é normal. Nunca antes foi feito esse tipo de trabalho, e eles tinham muitas dúvidas.

Nós, ao contrário, sabemos que será uma experiência muito gratificante, tanto para os meninos e meninas, como para nós mesmas.

Tínhamos que explicar, de modo bem geral, em que consiste o projeto de Comunidades de Aprendizagem e, mais especificamente, qual é a função do voluntariado. Depois de esclarecer que não se trata tanto de “ensinar” como uma professora, mas principalmente de fazer com que todos, meninos e meninas, participem, ajudem e interajam nas atividades, nós nos despedimos até a próxima vez, que já será na classe.

SEGUNDA-FEIRA, 01 DE OUTUBRO

Finalmente chegará a aula. Quanta ansiedade! Desde cedo, tanto meninos como meninas não paravam de perguntar pelos novos professores e as novas professoras, já que eles foram divididos assim, mulher e homem, um par para cada classe de 5 anos.

Na minha classe vamos trabalhar a leitura e a Matemática com o voluntariado, e eu vou me encarregar do grupo de artes plásticas.

Foi a Maria G. quem nos avisou; quando saiu do banheiro viu as pessoas no corredor e ela não demorou para vir até a classe e anunciar em alto e bom som: estão vindo!

Primeiro, sorrisos e gestos ... Os rostos se iluminam, se surpreendem, alguns inclusive se inquietam um pouco ... é a vida

que flui, que vai e vem, como as ondas de Karraspio. Fizemos apresentações e cumprimentos. Este primeiro dia foi, principalmente, para nos conhecermos, para ir ganhando confiança, aproximação, e formar um grupo novo. Um grupo mais numeroso e, principalmente, mais variado, mais alegre, e com mais esperança.

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE DEZEMBRO

É incrível, já passou um semestre inteiro!

Nem nos nossos maiores sonhos poderiam ter sido cumpridos tantos objetivos. O voluntariado, fiel aos encontros das segundas-feiras, soube adequar-se à dinâmica da classe, e acompanhar o processo de aprendizagem de maneira exemplar e invejável.

Voluntário: José

Nem Moustafa, nem Iker, nem Anartz – para citar só alguns, os quais gostam mais de brincar do que de fazer as tarefas –, não perderiam por nada no mundo a sessão de contos e histórias que, a cada segunda-feira, lhes conta José.

José, nosso professor, nosso voluntário, é um especialista em contar histórias; sua idade e experiência o comprovam. Marinheiro aposentado, conhecedor do salitre de todos os mares, com cerca de 70 anos e centenas de contos nas costas, é capaz de manter o silêncio e a concentração quase mística de todo um grupo de meninos e meninas. Seus gestos e sua magia são envolventes e transportam as crianças para lugares surpreendentes e para aventuras misteriosas.

Mais tarde virão as perguntas, as dúvidas, as inquietações pessoais e a aprendizagem. Os valores e os comportamentos, a linguagem e o vocabulário, a expressão escrita e a oralidade, o pensamento e o coração.

No caderno, na colagem, no mural e na imaginação, cada menina e cada menino vão formando seu próprio conto, sua maneira de vivenciá-lo e de contá-lo, assim

como o fez José, aos pouquinhos, gota por gota, mar por mar.

Voluntária: Pilar

Pilar é super Pilar. Trabalhou toda sua vida como dona de casa e no comércio. E agora continua assim, tanto um trabalho como o outro. Tem quatro netas na escola.

Desde que entrou na classe, Pilar é toda sabedoria e amor, bondade e valentia, truques e risadas, mão esquerda e mão direita. As meninas e os meninos aproximam-se dela e a abraçam, tocam, cheiram e se aconchegam no seu colo. Tranquilidade e alegria. Carinho e segurança. Pilar sabe sobre a classe toda, fala com a classe toda, atende à classe toda.

Pilar esteve, durante todo o trimestre, responsável pela oficina de Matemática; comenta que, desde pequenininha, ela adorava Matemática e que se saía muito bem.

Nesse trimestre, concentrou-se na numeração. Cada segunda-feira, trabalhou com um grupinho de seis meninas e meninos que foram se revezando durante todo o trimestre. Através da utilização de jogos como ludo, dominó, cartas, bingo, etc., conseguiu com que todos os alunos, quer dizer, cada um e cada uma, aprendam a contar, conhecer os números, fazer pequenas somas e subtrações...

Como bem salienta ela, não foi um trabalho fácil, pois sempre há meninas e meninos que acertam de primeira, e outros que demoram um pouquinho mais.

Mas não importa, diz, porque aqueles que sabem fazer, podem ensinar para os que não fazem tão bem, e, assim, brincam de ser professores e professoras.

Além disso, Pilar pediu permissão para poder falar com algumas famílias dos meninos e meninas. Desse modo, pudemos compartilhar várias reuniões com familiares nas quais, conjuntamente, decidimos sobre diversas condutas para casa e para a escola.

Aprendemos muito com a Pilar, tanto os meninos e meninas, como eu. Aprendemos a respeitar, ajudar, compreender,

ter carinho, ter paciência, distinguir o que é urgente, e o que é importante... E, como não, a trabalhar com os números. Tantas coisas sabia Pilar!

GRUPOS INTERATIVOS NO ENSINO FUNDAMENTAL. STOP: VEM A REVOLUÇÃO

Chegou a hora de dizer bem alto: os grupos interativos são uma explosão de aprendizagem, um tsunami do conhecimento, um terremoto educacional, relâmpagos e trovões no céu do sistema de ensino.

E, quando, a tudo isso se soma o vigor, a esperança, o frescor e a inocência da adolescência, temos a fórmula perfeita para começar a “revolucionar” (transformar, diriam os prudentes) nossas salas de aula, multiplicar as aprendizagens, e aumentar a ajuda e a solidariedade. Imaginem os 40, sim, 40 meninos e meninas entre 16 e 18 anos dispostos a tudo... O que tem a dizer os tutores e as tutoras do Ensino Fundamental I, distribuídos em grupos de cinco ou seis meninos e meninas, praticando a leitura dialógica, trabalhando a expressão escrita, e dedicando-se à Matemática. Incrível!

Os alunos que vêm do instituto, os alunos, falamos com orgulho, são nossos. Nossos “meninos e meninas” que agora estão no instituto, e que depois de quatro anos voltam para desenvolver trabalhos de voluntariado. É uma delícia!

São os heróis do Ensino Fundamental.

São os mais esperados durante a semana. Esse dia ninguém quer faltar na escola. Os meninos e as meninas não ficam doentes; e, se adoecem, esse dia estão curados.

Com elas e eles, aprendem a ler livros e interpretar (mais de dez livros foram lidos no Ensino Fundamental I, clássicos adaptados que são adaptados ainda mais através dos comentários).

Somar, subtrair e multiplicar é muito mais fácil quando eles fazem com Jon, Kepa, Marina ou Judith, porque eles sabem explicar bem devagar e, além disso, é divertido (a pequena Joana expressa desse modo). Por isso, a classe está aprendendo em um ritmo acelerado.

Mas, o que falar da escrita? Convenhamos, nem tem comparação. Os cadernos são um primor, desenhos, textos, contos, histórias... Tudo sai com “letra melhor”. É que os mais velhos, quer dizer, os alunos do Ensino Médio, eles sabem fazer tudo muito bem, mas muito bem mesmo. Nestes pequenos grupos interativos, algumas meninas como Ainara, ou meninos como



Jon, estão muito felizes, porque trabalham acompanhados pelos outros, gostam dos bons resultados obtidos, podem acompanhar o ritmo da classe, podem inclusive dar sua opinião e fortalecer seu protagonismo. São meninas e meninos que, de outro modo, sofreriam os rigores de uma classe massificada, que dificilmente pode atender às individualidades e características de cada menino e cada menina. Os grupos interativos são a metodologia do futuro para que nossas meninas e nossos meninos, todas e todos, possam ter acesso a uma educação de qualidade, e o êxito educacional seja um bem compartilhado sem excluir ninguém, absolutamente ninguém.